



RESENHA
CIDADE FEMINISTA:
A LUTA PELO ESPAÇO EM UM MUNDO DESENHADO POR HOMENS
(2021)

Leslie Kern

Arthur Fachini Rodrigues¹

O livro *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*, da urbanista, feminista e escritora canadense Leslie Kern, lançado em 2021 pela Editora Oficina Raquel, nos propõe mudanças de paradigma para pensarmos a cidade. A autora problematiza a cidade e espaços urbanos, através de experiências pessoais, de olhares de mulheres e de gênero; e com uma perspectiva ainda pouco debatida no Brasil - ao menos sob este termo - que é a geografia feminista. Promove questionamentos e reflexões a partir de experiências as quais vivenciou, como jovem, mãe, ativista e acadêmica, trazendo perspectivas de momentos distintos de sua vida na cidade.

Leslie Kern é PhD e atua como professora associada de geografia e meio-ambiente e também como diretora do departamento de estudos sobre mulheres e gênero da Mount Allison University, no Canadá. É autora de dois outros livros intitulados *Sex and the Revitalized City: Gender, Condominium Development, and Urban Citizenship* (2016) e *Feminist City: A Field Guide* (2019), ainda sem tradução no Brasil. Seu próximo livro, a ser lançado em 2022, será *Gentrification Is Inevitable and Other Lies*².

Em seu livro *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*, referência para esta resenha, Kern tem como base a perspectiva da geografia feminista, que nos propõe olhares diferentes para a cidade. Segundo a autora (Kern, 2021, p. 28) “[...] a geografia trata da relação humana com nosso meio ambiente, tanto o construído pelo homem quanto o natural. Uma perspectiva de gênero oferece uma maneira de entender como o sexismo funciona na prática”.

¹ Mestre em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA; Graduado em Relações Internacionais pela Universidade de Ribeirão Preto - UNAERP.

² Mais informações em: <https://lesliekern.ca/>

A autora reconhece a importância de outros marcadores, além do gênero, para se pensar os espaços urbanos, defendendo uma análise e visão interseccional da cidade. Kern (2021, p. 34) reconhece o seu lugar de fala e seus privilégios nas suas experiências cotidianas, ao afirmar em sua escrita: “[...] meu corpo também pode significar perigo ou exclusão para pessoas de cor, negros, pessoas trans, pessoas com deficiência, povos indígenas, e outros para quem e corpos normativos não são acolhedores”. Em sua escrita também é bastante transparente em relação a sua perspectiva parcial, enraizada em cidades do Norte e em perspectivas ocidentais.

Na introdução do livro, a qual intitula “Cidade dos homens”, Kern afirma que para a cidade moderna, as mulheres sempre foram vistas como um problema. Segundo a autora, no processo de urbanização e crescimento das cidades na Europa, intensificado pela Revolução Industrial, “[...] enquanto algumas mulheres precisavam ser protegidas da desordem conturbada da cidade, outras mulheres precisavam de controle, reeducação e talvez até banimento” (2021, p. 15). Em sua escrita afirma que “[...] a cidade foi criada para apoiar e facilitar papéis do gênero masculino e estabelecendo a experiência dos homens como “regra” (2021, p. 19). A autora aponta que durante a pesquisa para esse livro teve contato com uma revista de ex-alunos com textos sobre as necessidades da cidade, na qual continham textos escritos por homens brancos de meia idade, cujas citações eram, em sua maioria, de trabalhos de outros homens, o que mostra que o ponto de vista e as problematizações feitas por homens sobre a cidade tem muito mais espaço do que a das mulheres.

Em “Cidade das mães”, primeiro capítulo da obra, Kern problematiza desafios enfrentados por ela ao engravidar e se tornar mãe; e nos conta que seu corpo se tornou público “pronto para ser tocado ou comentado” (p. 40); “Fiquei envergonhada com a ostentação da minha barriga, empurrando de forma grosseira a minha biologia íntima para a esfera pública civilizada” (p. 45). A autora fala sobre a falta de solidariedade pelos passageiros dos trens em que pegava, ao não cederem assentos para ela enquanto grávida; aborda a experiência das mães de amamentar em público; e sobre as dificuldades em conciliar as jornadas duplas e triplas. Nesse capítulo aborda ainda a questão dos subúrbios³, e aponta o seu surgimento e crescimento pós Segunda Guerra, cumprindo

³ A realidade da vida no subúrbio descrita por Kern é bastante distinta da experiência e das condições estruturais nos subúrbios no Brasil, por exemplo. Como aponta também a definição disponível sobre o termo no Google, subúrbios, no contexto dos países desenvolvidos, são áreas localizadas fora dos centros urbanos onde moram famílias de classe média e alta.

agendas sociais e econômicas específicas. Kern (2021, p. 52) afirma que o “[...] o estilo de vida suburbano pressupunha e exigia, para funcionar adequadamente, um núcleo de família heterossexual com um adulto trabalhando fora e outro dentro de casa”. Sobre o planejamento urbano, a autora afirma que está sempre baseado em um conjunto de suposições sobre o cidadão urbano “típico”, sendo esse cidadão o homem cis, branco, (...); e quando se pensa em cidadã, também é específica. Em sua escrita, a pesquisadora defende que (2021, p. 80) “[...] uma cidade feminista deve olhar para as ferramentas criativas que as mulheres sempre usaram para apoiarem umas às outras, e encontrar maneiras de construir esse apoio na própria estrutura do mundo urbano”.

No segundo capítulo, intitulado “Cidade das amigas”, explora a temática das amizades femininas no espaço urbano. Trazendo exemplos de filmes e séries, como *Sex and the City*⁴, e experiências pessoais, a autora fala sobre barreiras e perigos que a cidade apresenta às mulheres e meninas, e como a amizade pode ser importante para garantir a liberdade e maior segurança em espaços urbanos. Kern (2021, p. 103) nos conta que suas amigas eram sua rede de segurança e seu “kit de ferramentas de sobrevivência na cidade”. Nesse capítulo aborda ainda as barreiras específicas encontradas por mulheres lésbicas, que, como afirma Kern (2021, p. 107), os “[...] bairros gays geralmente se concentram nos interesses e estilos de vida de rapazes gays”; e aponta que mesmo que tenha ocorrido mudanças nos espaços, “[...] lésbicas, mulheres gays, pessoas trans, e não binárias continuam a encontrar modos de fazer amizades que salvam vidas e criam novos tipos de espaços criativos e inclusivos como parte de seu kit de sobrevivência urbana” (2021, p. 110).

Em “Cidade de uma”, terceiro capítulo da obra, aborda um tema importante nas pautas feministas, que é o assédio e desconforto sofridos pelas mulheres nas ruas. No texto, Kern fala sobre como o uso de fones de ouvido pode criar uma barreira social contra conversas indesejadas e intrusões dos homens. Ainda aborda a questão do “direito de estar sozinha” das mulheres, pois afirma que “[...] as expectativas de gênero em relação à maternidade, trabalho doméstico, (...) e muito mais significa que a casa familiar raramente seja um lugar onde as mulheres possam ter momentos solitários” (2021, p. 134). Sobre ambientes “adequados” e “seguros” para mulheres, nos conta sobre o surgimento das lojas de departamento e como estas foram projetadas para este público, afirmando que “[...] ao

⁴ *Sex and the City* é uma série estadunidense de grande sucesso produzida pelo canal HBO que estreou em 1998 e teve seu episódio final exibido pela primeira vez em 2004.

comprar roupas, decoração e arte, as mulheres estavam cumprindo seu papel de zeladoras do lar”(2021. p. 139). A autora também nos fala sobre adaptações feitas em cafés e restaurantes *fast food* para se tornarem espaços mais confortáveis e seguros para mulheres, trazendo também a questão da gentrificação de espaços urbanos. Nesse capítulo, trata ainda sobre o relevante assunto dos banheiros públicos, apontando questões como segurança, acessibilidade, impedimentos ao acesso de pessoas trans e do atendimento de suas necessidades, estruturas que não atendem às necessidades específicas das crianças, bebês, mulheres, pessoas idosas e pessoas com deficiência.

No capítulo seguinte, intitulado “Cidade de protesto”, Kern aborda temas relacionados ao ativismo, direito à cidade e movimentos sociais, problematizando-os e compartilhando experiências pessoais. Em sua escrita afirma que participar de protestos despertou seu sentimento de pertencer à cidade e confirmou sua indignação com injustiças generalizadas que afetam não apenas a sua vida, mas a de milhões de pessoas (2021, p. 160). Para a autora, “[...] qualquer tentativa de esboçar uma visão de cidade feminista deve considerar o papel do ativismo” (2021, p. 161). Nesse capítulo há menção a movimentos como o *Take Back the Night* e *#MeToo* e interessantes reflexões sobre experiências de ativismo. A autora faz relevante apontamento de que os movimentos falham em termos de acessibilidade (2021, p. 166). Kern problematiza seus privilégios, como mulher, branca e acadêmica, nos movimentos sociais e nas suas experiências de ativismo, que garantem a ela mais segurança em muitos momentos. Em sua escrita, (2021, p. 190) defende que “[...] os direitos não são conquistados e defendidos em sala de aula, nas redes sociais, ou mesmo por meio de política eleitoral. O trabalho tem que acontecer em público”.

No quinto capítulo do livro, “Cidade do medo”, a autora problematiza o medo e o perigo no processo de socialização e nos ambientes urbanos. Em sua escrita, fala sobre o “medo feminino” que é construído e alimentado através de mensagens presentes na socialização das meninas; Kern afirma que as experiências de assédio e assédio em espaços públicos reforçam este medo (2021, p. 196). Há relevante apontamento sobre o papel da mídia através de reportagens sensacionalistas sobre violência de estranhos contra as mulheres, e sobre a falta de atenção para crimes cometidos por parceiros íntimos e familiares contra mulheres e crianças no ambiente privado (2021, p. 197). Nesse capítulo aborda ainda a questão do controle social e da geografia, nos dizendo sobre como o medo que as mulheres sentem dos homens se concretiza geograficamente, em espaços que são

evitados por elas, de acordo com seus mapas mentais de segurança e medo. A autora enfatiza o quanto isso é prejudicial e impede as mulheres de aproveitarem e viverem plenamente a cidade e seus espaços. Mas aponta também a coragem de mulheres ao desafiarem diariamente os seus medos. Sobre essa questão, defende que as cidades devem ir além em suas estratégias para garantir a segurança das mulheres, agindo de maneira interseccional e reconhecendo como os diversos membros da sociedade experienciam e são afetados pelas violências. Para Kern (2021, p. 222), “[...] em uma cidade feminista segura, as mulheres não precisam ser corajosas apenas para sair de casa. Nossas energias não serão desperdiçadas em um milhão de prevenções de segurança”.

Na parte final do livro, intitulada como “Cidade de possibilidades”, Kern (2021, p. 224) defende que é necessário retornar ao corpo para encontrar alternativas para as cidades, visto que as mulheres são vistas como problemas, sendo muito vulneráveis, muito férteis, muito gordas (...). Ainda afirma que “[...] precisamos reconhecer que o controle social das mulheres por meio da socialização pelo medo faz parte de um sistema que busca impor outras formas de exclusão, segregação e de medo da diferença” (2021, p. 227). A autora enfatiza que marcadores de diferença servem como incentivos ao “[...] redesenvolvimento, a gentrificação e ao hiper policiamento” (2021, p. 228). Kern alerta que medidas para a igualdade econômica são tentadoras, mas não resolvem problemas relacionados à violências e marginalizações de gênero, raça, sexualidade e de pessoas com deficiência, e com o colonialismo nas cidades. São apresentados nesse capítulo alguns exemplos de iniciativas que estão fazendo a diferença nas cidades; e o apontamento de que visões feministas sobre as cidades sempre estiveram presentes. Kern (2021, p. 235) termina o livro afirmando que a “[...] cidade feminista é um projeto aspiracional, sem um plano “mestre” que, de fato, resiste à tentação do domínio. A cidade feminista é uma experiência contínua de viver de maneira diferente, viver melhor e com mais justiça em um mundo urbano”.

Os temas e questões trazidas por Leslie Kern nos capítulos de “Cidade feminista” são de grande relevância não só para os estudos feministas, mas para qualquer área que esteja comprometida com a problematização dos espaços urbanos e das cidades para a promoção da justiça social, equidade de gênero e com o fim da violência. Embora, como a autora mesmo reconheça que esteja falando de contextos do Norte e ocidentais, estes são temas que fazem parte, em alguma medida, das configurações das cidades e de espaços urbanos ao redor do globo e que podem afetar negativamente as experiências das



mulheres e pessoas marginalizadas por questões de raça, classe, sexualidade, deficiência, nacionalidade, dentre outros marcadores, em sua diversidade.

Em sua escrita há a defesa de uma abordagem sobre a cidade que seja interseccional e que reconheça a diversidade de experiências e realidades presentes no espaço urbano. Ao reconhecer e questionar seus próprios privilégios, em suas experiências cotidianas e em sua escrita, Kern nos mostra a importância de estarmos cientes sobre o nosso local de fala e o que nossos corpos, em questões de privilégio, podem representar nos espaços no qual ocupamos ou estamos inseridos.

A abordagem da geografia feminista, apresentada pela pesquisadora em seu livro, é interessante na medida que desafia o que se tem por experiência padrão nos espaços urbanos. Como Kern nos mostra, as cidades foram construídas e projetadas em muitos espaços tendo a experiência dos homens como “regra” e parâmetro; e defende que é necessário reconhecer a pluralidade de experiências e identidades e olhar para a cidade através das lentes da interseccionalidade. Gestores públicos, ativistas e cidadãos comprometidos com a justiça social e interessados em transformar os espaços urbanos podem se beneficiar desta leitura e dos exemplos trazidos por Kern nos capítulos.

Como Kern aborda questões como privilégios e desigualdades em seus exemplos pessoais e de movimentos sociais, e nos instigando a questionar nossa própria experiência nas cidades, essa leitura pode ser bastante interessante à mulheres cisgêneros, em contextos de privilégios por questões de raça, classe, sexualidade, identidade de gênero, nacionalidade, dentre outros marcadores, no sentido de promover a reflexão e solidariedade com lutas feministas interseccionais, antirracistas, anti LGBTQIA+ fóbicas, anti-capacitistas e anti-xenofóbicas. Vale ressaltar também que essa leitura é necessária e interessante aos homens cis pois desperta necessários questionamentos sobre realidades, barreiras e desigualdades as quais mulheres cis e trans, em suas mais diversas realidades e marcadores, enfrentam diariamente, contra a violência, contra a desigualdade e contra o medo nos espaços públicos.

Como afirma a autora (2021, p. 31), “[...] uma vez que as experiências das mulheres são moldadas por uma sociedade patriarcal, suavizar as arestas dessa experiência por meio do design urbano não desafia o patriarcado em si”. É preciso que haja o engajamento de todas, todos e todes nas reflexões, problematizações e ações para desafiar as estruturas de opressão e desigualdade presentes nas cidades e em cada canto dos espaços urbanos ao redor do globo. A leitura do livro de Kern pode ser um primeiro



passo a reflexões necessárias, muitas das quais, por questões de privilégio, nunca havíamos vivenciado ou pensado sobre.

REFERÊNCIAS

KERN, Leslie. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. Tradução de: Thereza Roque da Motta.

KERN, Leslie. *Feminist City: A Field Guide* (2019). Between the Lines Editorial, Raleigh, North Carolina.

KERN, Leslie. *Sex and the Revitalized City: Gender, Condominium Development, Urban Citizenship* (2016) . British Columbia: University of British Columbia Press.